

A divulgação de trabalhos acadêmicos é parte fundamental das atividades de um Programa de Pós-Graduação e de uma Universidade para que a comunidade possa usufruir e criticar os conhecimentos ali produzidos. É este um dos sentidos do pesquisar. É importante que as pesquisas estejam disponíveis para a apropriação, crítica e até, desconstrução pela comunidade em geral.

Os Cadernos de Gênero e Tecnologia é uma publicação idealizada pelo Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec) do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR e está caminhando rumo a consolidação e o reconhecimento do mesmo como um espaço importante de divulgação das pesquisas sobre gênero em seus múltiplos enfoques. O número de publicações sobre esta temática tem se ampliado nos últimos anos e os Cadernos de Gênero e Tecnologia vem se constituindo em uma boa opção para a circulação do conhecimento sobre Gênero e Tecnologia.

Como os estudos de gênero vêm se desenvolvendo em múltiplas abordagens, os Cadernos de Gênero e Tecnologia chega em seu oitavo ano de publicação e 26º número editado. O objetivo desta revista é a publicação de artigos científicos que abordem a temática de gênero em múltiplos enfoques. Assim, lembramos que a publicação nos CGT é aberta aos/às pesquisadoras/es das mais diversas áreas e formações, desde que seus estudos enfoquem as áreas de interesse desta publicação. Este número inaugura uma nova periodicidade da revista que passa agora a ser semestral e a apresentar um maior número de artigos. Este número está assim composto.

O primeiro artigo de autoria de Mafalda Ales Sikora, Maclovia Corrêa da Silva e Décio Estevão do Nascimento se intitula “*O papel da mulher polonesa na dinâmica da família tradicional: Colônia Dom Pedro II - Campo Largo – Paraná*”. Segundo as/os autoras/es o trabalho “discute o trabalho da mulher polonesa imigrante nas dinâmicas da família tradicional da comunidade da Colônia Dom Pedro II – em Campo Largo.” Conclui que as mulheres polonesas mantiveram suas atividades vinculadas a casa e viveram “sob ‘aparente’, conformação de submissão imposta pelas leis, pela religião e pelos aspectos culturais de uma comunidade tradicional patriarcal fechada.”

No artigo intitulado “*Qual o lugar do gênero e da diversidade sexual na escola?*”, Flávio Pereira Camargo e Rubenilson Pereira de Araújo apresentam “resultados parciais de um estudo de caso sobre práticas discursivas no ambiente escolar”. Dentre os resultados obtidos, os autores afirmam que “a função docente, passa por uma acentuada crise de discursos contraditórios e oscilantes, entre eles, encontra-se a difícil tarefa em saber como lidar com as questões de gênero e sexualidades na escola e com os próprios alunos que se veem marginalizados no próprio espaço escolar, sem o pleno direito à cidadania.” Consideram fundamental que a escola lance um olhar sobre as questões de gênero e diversidade sexual que são complexas e presentes no ambiente escolar. Finaliza argumentando que “deveríamos colocar em prática uma efetiva implementação de políticas públicas que viabilizem, de

fato, uma abordagem planejada, sistematizada, e organizada sobre gênero, sexualidades e identidades no cotidiano da sala de aula e na formação inicial e continuada de professores."

Luana Pagano Peres Molina em seu artigo "*Professores Homossexuais – Suas vivências frente à Comunidade Escolar*" discute "problemática da vivência diária do professor/professora homossexual frente à instituição escolar, cujo pressuposto inicial parte da premissa que estes professores sofreram e vem sofrendo, algum tipo de preconceito devido sua orientação sexual". Conclui que "as desigualdades entre os sexos e a marginalização dos homossexuais acabam gerando vítimas de uma sociedade inacabada, de repressão, opressão e desinformação." Destaca a necessidade de problematizar e discutir a temática "a todo o momento em que a assimetria entre os gêneros e as diferentes orientações sexuais (...) se manifestarem no cotidiano" para minimizar a homofobia. Destaca a importância do respeito à diversidade no ambiente escolar.

No artigo seguinte, de autoria de Francisco Maciel Silveira Filho que se intitula "*Conflitos na construção de identidades de gênero: A pedagogia sexual viabilizada por práticas discursivas, midiáticas e publicitárias*" apresenta a discussão acerca do "quanto as práticas discursivas viabilizadas por suas diferentes vertentes tem contribuído de forma crucial para que associemos sexo e gênero de forma intrínseca, como se o amálgama que os une fosse fruto da natureza e não de forças usadas a serviço de uma sociedade machista, misógina e homofóbica". O autor considera a "publicidade como um dos mecanismos educativos mais presentes nas instâncias sócio-culturais da atualidade". Sendo assim "educam e geram conhecimentos, contribuindo, assim, no processo de produção de identidades".

O artigo intitulado "*Travestimento: Literatura, Gênero e Escritura*" de autoria de Leandro Júnio Santos Queiroz apresenta uma parcela dos resultados da pesquisa do autor para a elaboração da dissertação de mestrado cujo objetivo foi investigar "a escritura do travestimento homoerótico como representação identitária na literatura brasileira". O autor considera que "sendo o travestimento uma tensão entre os significantes masculino e feminino, portanto naturalmente repleta de ambiguidades, é ele que torna a escritura um espaço para o disfarce e a transformação." Considera ainda que "as narrativas literárias que apontam para as questões de gênero expõem 'realidades' alternativas, além de problematizarem e questionarem as construções sociais. O gênero, tal como a tecnologia, é fruto das relações sociais e questiona, através dos mais diversos recursos tecnológicos, a normatividade imposta." Desta forma, o autor conclui que "gênero e tecnologia estão naturalmente imbricados, na medida em que permitem questionar a cultura e a sociedade e afirmar que a humanidade vive, desde sempre, em constante devir, performatividade e/ou relativização".

No próximo artigo intitulado "*Identidades sexuais e de gênero - interfaces dos direitos humanos, educação e cidadania na ágora da diversidade*" os autores Josué Leite dos Santos e Djalma Thürler buscam estabelecer um diálogo entre educação, cidadania e os direitos humanos na constituição das diversas identidades sexuais e de gênero". Os autores acreditam que "a educação para a diversidade e os processos identitários sexuais e de gênero,

entendidos a partir de um enfoque social, cultural e político, possam garantir as escolhas que venham satisfazer a pessoa humana, promovendo um melhor convívio pessoal entre as diferenças, à equidade de gênero, redefinindo as relações de poder e assim, garantindo ao sujeito o pleno gozo de sua cidadania nos aspectos da sexualidade". Os autores acreditam que ao abordar e respeitar a diversidade caminha-se para "uma concepção de educação e escola libertadora, promotora de igualdade e liberdade, a partir do exercício da cidadania e em conformidade com os direitos da pessoa."

No último artigo intitulado "*A invisibilidade dos transexuais na educação: análise dos discursos legais sobre o nome social nas escolas do Brasil*" de autoria de Patrícia Lessa e Marcio Oliveira os autores argumentam que o estudo "apresenta-se como uma interrogação radical não somente sobre os processos de identificação, mas, também, sobre a noção de identidade sexual". Percebem que o nome social é uma temática que ainda não é "reconhecida nos debates escolares". Destacam que o "Paraná é considerado um dos Estados com maiores índices de assassinato de travestis e transexuais". Estes índices indicam a presença de tal discussão no espaço escolar e na sociedade. Ressaltam que "devemos entender a lei como forma de minimizar os danos sociais imputados a travestis e transexuais dentro de instituições de ensino." A escola deve proporcionar condições para que este segmento da população seja acolhido e encontre condições de permanência no âmbito escolar. Finalizam ressaltando que "uma educação que abrace essa discussão deve ser mais problematizadora do que deliberativa, deve ser mais heterogênea do que hegemônica, enfim, mais preocupada em manter os sujeitos sociais nos bancos escolares.

A seção "*entre vistas e olhares*" conta a fala da professora doutora Guacira Lopes Louro, um dos ícones dos estudos de gênero e educação. Durante a entrevista ela abordou sua trajetória acadêmica, bem como a partir de que momento se deu sua inserção no campo dos estudos da mulher e posteriormente dos estudos de gênero. Contou-nos ainda como seu deu a criação do GEERGE, grupo do qual ela é uma das fundadoras. Falou-nos ainda sobre sua inserção no campo dos estudos *Queer*. Argumenta que seu trabalho neste campo é uma tentativa de entender como é que um campo de estudo como *Queer*, que é tão voltado - como vou dizer? - a ambiguidades, a uma lógica mais pós-moderna, pode se combinar ou se articular com o campo da Educação, que é mais normalizador e disciplinador. Isso tem me feito trabalhar mais no âmbito da reflexão teórica.

Apontou que seus estudos recentes estavam votados ao cinema no qual ela analisa as relações de gênero e sexualidade em filmes de circulação mundial.

Assim está composto este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Agradecemos a todos/as que contribuíram com seus artigos para esta edição. Desejamos a todas/os uma excelente leitura.

Lindamir Salete Casagrande
Nanci Stancki da Luz
Editoras